

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS,
NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VII
II SERIE

5 DE DEZEMBRO 1922
N.º 126

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

TURISMO EM PORTUGAL

AS AGENCIAS D'INFORMAÇÕES

Não temos insistido nas nossas apreciações sobre a falta — que cada vez mais se faz sentir — de agencias no estrangeiro destinadas a fornecer ao publico informações sobre o nosso paiz, para que se não diga que somos pretendentes á direcção de qualquer d'elas.

Embora as nossas palavras nunca pudessem ter essa interpretação, porque simplesmente elas tem sempre reflectido o nosso criterio sobre a expansão do turismo em Portugal, achámos prudente dar tempo ao tempo, esperando em que o bom caminho houvesse de naturalmente impôr-se a quem tem tido sobre si a responsabilidade de promover e orientar a propaganda de Portugal no estrangeiro.

Infelizmente até hoje e depois da criação do posto d'informações em Paris, nada mais se tem feito, parecendo que a expansão do turismo luzitano se limitava simplesmente a essa exigencia.

Não sendo nosso intuito apreciar a acção d'esse posto de informações — que está acima de toda a critica e que tem prestado relevantes serviços — seja-nos, porém, permitido confirmar, mais uma vez, a

nossa opinião acêrca das agencias d'informações de Portugal no estrangeiro, e que muitas vezes tem sido expressa n'estas columnas.

Segundo o nosso modo de vêr, o estabelecimento d'um posto d'informações no Rio de Janeiro, identico ao que, com geral agrado, funciona em Paris, impõe-se como uma das mais urgentes necessidades para beneficio da nossa situação economica.

Para se poder avaliar quanto ha de verdade n'esta nossa afirmativa, basta, apenas, atender-se á situação que occupamos no globo e saber-se a importancia que, para o mundo, hoje, tem o Brazil, com a sua esplendida cidade do Rio de Janeiro, onde ha uma enorme população fluctuante de estrangeiros endinheirados e de abastados comerciantes.

O Rio de Janeiro hoje é para a America do Sul o que Lisboa podia e devia ser para a Europa e que infelizmente não é, por nossa unica culpa.

Sob este ponto de vista, as condições naturaes do Porto de Lisboa são ainda superiores ás do Rio. Não obstante e apesar dos esforços que algumas entidades,

principalmente, as empresas ferro-viarias, empregam para aqui atrahir o trafego sul-americano, essa sua boa vontade não logrou ainda os resultados desejados, pela falta do necessario complemento. E esse complemento é simplesmente o posto d'informações de Portugal, no Rio.

A acção d'esse posto, intimamente ligada com a d'um outro na nossa capital, que se torna tambem necessario crear, e com a do existente já em Paris, assegura ao porto de Lisboa o unico caminho de entrada para a Europa, a que a sua situação geographica lhe dá incontestavel privilegio.

Não o teem entendido ainda assim as entidades que se arrogam o direito da di-

recção do turismo em Portugal; d'ahi o desvio de passageiros internacionaes que se faz em grande escala pelos portos francezes e hespanhoes.

E' possivel que, quando um dia, se chegue a ver isso com a clarividencia dos espiritos cultos, já então seja tarde para se remediar o mal. A nós, porém, é que não póde ser assacada a responsabilidade de não termos feito, com a possivel insistencia, as sugestões que nos teem parecido convenientes e oportunas.

Assim, relembramos o facto e... ficamos á espera d'outra ocasião para o fazermos.

JOSÉ LISBOA.

TRANSITO INTERNACIONAL

A NOVA LINHA PARIS-LISBOA-CASA BLANCA

N'UMA troca de impressões que, recentemente, tivemos com um funcionario superior da Companhia Internacional dos Vagões-Leitos, referindo-nos ao serviço que foi inaugurado em o passado mez, do transito de Paris para Casa-Blanca, pela via Lisboa, constatou-se a influencia que esse facto pode ter no futuro economico do nosso paiz, desde que se aperfeiçoem os serviços que agora se pretendem conjugar, especialmente no que diz respeito aos caminhos de ferro, ás facilidades na fronteira e ás que são relativas á exploração do Porto de Lisboa.

Este é — como, de resto, todos os que se referem ao turismo — um problema bastante complexo. Ha n'ele imensos factores a atender, e a sua pratica solução tem de ser a resultante d'uma justa e equitativa defesa dos interesses em jogo.

Já uma vez, n'estas columnas, fizemos sobresahir a *sorte* que, felizmente, nos bafeja, e o quanto mal sempre a sabemos aproveitar.

Isto não quere, porém, dizer que um dia

a não aproveitemos; e oxalá fosse agora, que uma ocasião se nos proporciona com vantagens inegalaveis. Em nosso ver, ela é oportuna e bastante propicia.

Entre outros factores que a favorecem, um se apresenta com o poder da sua extraordinaria influencia: — é a desvalorisação da nossa moeda.

Se esse facto, para nós portuguezes, apresenta um symptoma aterrador pois atesta a gravidade da nossa situação economica, pelo que respeita ás relações do estrangeiro para connosco é o mais favoravel possivel, visto assim tornar mais acessivel a visita ao nosso paiz, que se faz actualmente com meia duzia de libras.

Ora, para que aproveitemos bem todas as condições benéficas que nos proporciona o estabelecimento das carreiras de França para Marrocos pela via Lisboa, necessario é que, entre outras coisas, se evitem os vexames e as impertinencias, descabidas e irritantes, que possam afastar os passageiros internacionaes d'esta via.

Cabe, n'este caso, o principal papel ao Governo, pela sua influencia directa no que respeita ás facilidades na fiscalisação terrestre e marítima, e indirectamente, sobre os serviços ferroviarios e da exploração do Porto de Lisboa.

Assim, no que respeita á fiscalisação terrestre, o governo tem a immediata e restricta obrigação d'atender á questão de passaportes, fazendo evitar os incomodos e despezas que as exigencias não justificadas estão ocasionando.

Além d'isso, a sua verificação na fronteira luzo-hespanhola, a não poder ser dispensada de todo, deve resumir-se de maneira a causar o menor transtorno ao passageiro.

Relativamente á parte marítima, a elevação das taxas do porto e outras circumstancias levam os navios a não atracar aos caes, o que ocasiona os incomodos e despezas inherentes á vinda a terra, em pequenos barcos, dos passageiros em transitio.

Em segundo logar as sobretaxas instituidas para fomento da navegação nacional recahindo sobre preços elevados das

passagens, representam um encargo pesado que afugenta os passageiros.

E sobre a parte aduaneira dá-se um caso extravagante: Um estrangeiro em transitio compra em Lisboa objectos de arte, moveis ou qualquer lembrança, cuja sahida exija despacho aduaneiro. Fica logo sujeito ao complicado regimen das exportações, com sobretaxas, depositos, entrega de cambiaes — um sudario de formalidades.

E' claro que, n'estas condições, qualquer estrangeiro, não obstante as vantagens naturaes que aqui auferiria, foge aterrorizado perante tanto embaraço; indo, em seguida, fazer, lá fora, a peor das propagandas a nosso respeito.

Portanto, para a evitar, é indispensavel que o Governo, com medidas criteriosas e acertadas, secundê a iniciativa das companhias interessadas no trafego França-Marrocos, correspondendo assim aos sacrificios a que elas se dispuzeram para obter, como via unica, comoda, pratica e rapida, o transitio por Lisboa, conjugando os serviços terrestres com os marítimos.

CARTAS DE PARIS

*Munich — Uma exigencia descabida —
A Cervejaria da Côte — Bailes em
trages regionaes — Uma taxa exage-
rada e um imposto fóra do vulgo —
As margens de Munich.*

A Baviera e os seus costumes pitorescos, estavam marcados, na minha viagem, como um dos principaes atractivos. Tinham-me contado maravilhas de Munich e de Nuremberg; e, efectivamente, razão havia.

Munich é uma das cidades mais curiosas da Alemanha. Os seus muzeus são dos mais notaveis da Europa; e a sua cerveja é a melhor do mundo inteiro.

Quando cheguei a Munich, era noite. Tinha feito um tempo borrascoso; mas, ao chegar ali, o Ceu estava limpo, e a luz forte dos fócios electricos que iluminam as avenidas da bela cidade, punham-lhe um tom alegre e bem vivido.

Fôra informado de que o bavaro, ao contrario do prussiano, era desconfiado e rude na sua maneira de tratar; e d'isso tive logo conhecimento no primeiro hotel

a que cheguei, pela forma seca como fui tratado :

— «O quarto custa tanto; o pagamento é adiantado».

Foram assim as respostas do hoteleiro, homem avantajado, lembrando Hindemburgo, o célebre cabo de guerra alemão.

Tinha já pousado e aberto as minhas malas. Em vista, porém, da atitude do hoteleiro, nada mais quize ouvir; e, placidamente, como um homem do norte, tornei a compo-las e a fecha-las. Sem dizer uma palavra — a mimica, às vezes, é tão expressiva — abandonei o quarto; e levando a mão á aba do chapéu, saudei o homem e saí.

Eu tinha-lhe dito que era portuguez, e ele ficou sabendo, d'esta maneira, que nós sabemos agir quando nós apresentamos uma *moção de desconfiança*...

Na praça, logo ao lado d'esse hotel, topei com outro hotel, bem provido de criadação á porta. Supuz que ali iria ser *esfolado*; mas, paciência. Confiei em que, ao menos, não me exigiriam caução ou pagamento á *l'avance*.

Para lá me dirigi. O empregado do escriptorio tomou nota do meu nome, saudou ao ouvir a minha nacionalidade, e mandou-me para o quarto 14. Respirei, então.

Na Alemanha e, sobretudo na Suíça, não ha n.º 13. Teem azar com esse numero e não querem que o quarto seja excomungado pelo viajante supersticioso. Era, porém, esta a quarta vez que me davam o n.º 14.

O quarto era confortavel, tinha tapete novo e uma *chaise-longue* superiormente macia. E' esta uma particularidade que tenho notado nos hoteis da Suíça e da Alemanha. Todos os quartos teem este belo movel de repouso, o que é raro encontrar em França.

Um guia Jouanne dizia que a mais divertida atracção de Munich era a Cervejaria da Córte (Hofbraenhaus). Ali dançava-se e bebia-se cerveja até rebentar.

Não era longe do sitio onde me achava. Ficava ao fundo da rua principal da cidade.

Em Munich desde longos anos que se cultiva a musica, a dança popular e a cerveja...

A Cervejaria da Córte tem o aspecto lugubre d'uma grande adega ou d'um subterraneo, onde á beira d'uma mesa, meia duzia de conjurados talham os destinos d'uma Patria. As luzes mesmo tinham o ar amortecido d'uma coisa tenebrosa.

Lá dentro, porém, gritava-se, o que provava que outra coisa se fazia do que tramar revoluções.

Fui, no entanto, para o primeiro andar, d'onde os acordes d'uma valsa popular anunciavam danças correlativas.

Quem tenha visto essas operetas passadas no Tirol ou nas montanhas italianas, mal pode imaginar que dentro d'uma cidade como Munich, elas se podem reproduzir, e ainda com mais aparato e com mais alegria.

Mas é um facto e um atractivo...

A sala, das mais vastas que tenho visto, transbordava de dançarinos, homens de suspensorios tirolezes, de côres berantes, calções de opera-comica e camisas bordadas a varias côres. As mulheres de saia curta, corpete apertando altos seios entumecidos, lenços na cabeça, um pouco á moda italiana, completavam o quadro de opera-comica, na dança d'um arraial á porta d'uma igreja.

A minha primeira impressão foi que aquilo tudo tinha sido ensaiado e que nada mais era do que um simples baile carnavalesco.

Um velho homem que do meu lado sorvia, com delicia, a sua alta canéca de cerveja, explicou-me que aquella gente, assim vestida á camponeza, fazia essas festas quotidianamente, pois sahidos do trabalho, era para eles uma superior distração emborcar copos sobre copos de cerveja e dançar valsas e mazurkas sem descanso.

A noite passou-se rapidamente; e quando tarde regressei ao hotel, comunicado por aquella alegria bávara, vi sobre a mesa do quarto um papel que, em francez, me explicava, que eu tinha que pagar 45 por

cento sobre a conta do hotel, de taxa de residencia em Munich.

E, independente d'isto, tinha que me apresentar á policia 24 horas depois da minha chegada, onde me seria exigido um novo imposto, que iria de 200 a 3.000 marcos por dia, para poder residir na Baviera.

Ah! não. Era demais. Lá pelos 45 por cento, ainda eu não devia deixar Munich; mas o imposto, é que não estava certo.

Consultei o guia, e resolvi limitar a minha demora a 24 horas, de forma que, no primeiro momento util, depois d'elas passadas, eu deixasse a capital da Baviera.

Assim foi. No dia seguinte, pela manhã, de guia em punho, percorri os muzeus, as egrejas, os templos d'arte, tudo emfim que Munich tem de notavel a visitar.

A' tarde fui ao Maximilianeum, vasto edificio mandado construir por Maximili-

liano II, rei da Baviera, para receber gratuitamente os alumnos mais distinctos dos Lyceus, a fim d'ali estudarem cursos superiores.

As três imensas salas que formam o alçado fronteiro são ocupadas pelo muzeu de pintura moderna. Ha ali verdadeiras obras primas, quasi todas documentando phases da historia do mundo.

Dois d'elles, porém, retiveram por longo tempo a minha atenção. *O pecado original* e *A Tomada de Carthago*, de Conrades, em que Asdrubal se faz prisioneiro enquanto sua mulher se lança, com dois filhos, da muralha, preferindo a morte a entregar-se.

No dia seguinte, ás 8 horas, antes que abrisse a repartição fiscal, e portanto dentro da lei, deixei Munich, tomando o expresso de Nuremberg.

... E assim escapei-me ao tal imposto.

GUERRA MAIO.

NOTÍCIAS DIVERSAS

THERMAS PORTUGUEZAS

S. Pedro do Sul

ESTA já aprovado pela Camara de S. Pedro do Sul, o projecto de ampliação do estabelecimento thermal, d'um hotel moderno e respectivo parque.

Está á frente da empresa concessionaria do estabelecimento thermal o importante capitalista do Rio de Janeiro sr. Cesar Diniz, que vae ali empregar a sua actividade e os seus capitaes, movido por um sentimento de gratidão, pois foi n'aquelas thermas que encontrou a cura dos seus padecimentos.

Assim, a nova empresa arrendataria d'estas thermas está trabalhando activamente na sua transformação, a fim de as tornar mais commodas e de mais atrahente aspecto.

Essas obras são, especialmente, na ampliação do balneario e de diversas outras dependencias, hoje já insufficientes para o movimento que ali se tem registado.

A mesma empresa está tambem preparando a construção d'um grande hotel e o embelezamento da localidade.

Segundo nos informam, por iniciativa da sr.^a

D. Eugenia Malafaia, importante proprietaria da região, vae igualmente construir-se n'estas thermas um hotel moderno, cujo projecto já foi presente ao governo.

Caldas da Saude

ATENDENDO ao grande incremento de aquistas que tem sido registado de ano para ano nas Caldas da Saude, a empresa proprietaria d'estas termas mandou fazer diversas obras para ampliação do Grande Hotel. Entre esses melhoramentos figura o da sala de jantar, que ficará talvez o maior salão de refeições dos hotéis portugueses.

Outras beneficiações serão tambem n'ele introduzidas de maneira a proporcionar-lhe a comodidade que é exigida em estabelecimentos d'esta ordem.

Pedras Salgadas

NÃO podendo ter sido concluidas este ano as obras que foram projectadas para ampliação do Hotel Avelames, n'estas deliciosas thermas, a sua sequencia terá logar logo que o tempo seja oportuno, a fim de, na futura epoca, esse importante estabelecimento apresentar já um novo e mais atraente aspecto.



VENTURA

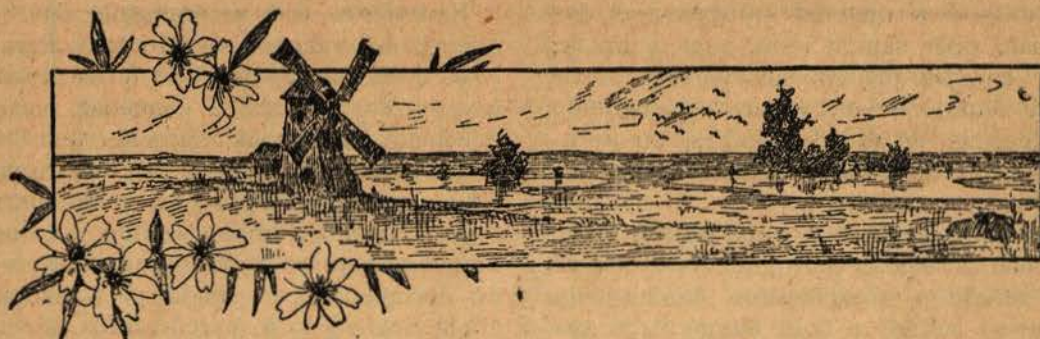
*O sol, na marcha luminosa, vôa,
lançando á Terra magestoso olhar;
passa, cantando, quem o ar povôa,
e a praia abraça, venturoso, o mar.*

*No bosque, o vento dôce canto entôa;
ouvem-se, em côro, as multidões cantar;
que a um só triste o coração lhe dôa,
que eu seja o unico a sofrer, a chorar ...*

*Parti, saudade ... de quem vae tão perto
e a quem dos olhos e das mãos perdi
n'este tão ermo, lugubre deserto !*

*Por ti, ventura ... que uma vez senti;
por ti, que, ás vezes, a meu peito aperto,
e ... o peito aperto sem te vêr a ti !*

JOÃO DE DEUS



NA REGIÃO DURIENSE

IMPRESSÕES D'UMA DIGRESSÃO

PARA um extremêno e, em especial, para um lisboêta acostumado a vêr paisagens de horisonte pouco elevado — Cintra áparte — e até planas, como as do Ribatejo, é sempre caso para lhe causar assombro vêr, quando o comboio sae do extenso tunel dos Encabalados, na linha ferrea do Douro, patentear-se-lhe, em Pala, como n'uma fantastica mutação teatral, o panorama surprehendente da perspectiva das altas serranias durienses, emoldurando o impetuoso rio Douro, que lhe corre apertado e veloz por entre as negras e al-cantiladas rochas das margens.

E as enormes serras em vários planos vêm-se revestidas de plantações de vi-nhas, de arvoredos, de logarêjos, egrejas e casaes solitarios, até grande altura; e lá pela região das nuvens é, então, só, que o rebarbativo aspecto de cêrros escavados de côres avermelhadas e escuras, se per-fila na parte da atmosfera que as serra-nias de uma e outra banda deixam entre si. O observador, quer para montante, quer para juzante, vê esmaecer-se, pelas nebli-nas, o grandioso vale em vários longin-quos planos, que se vão esbatendo com a distancia.

Seguindo a linha ferrea que coleia o famoso rio ibérico, em direcção á Régua, o aspecto geral, áparte os detalhes, con-serva sempre as suas impressionantes li-nhas de extraordinaria grandeza e ferêza,

emquanto lá no fundo o Douro, como que estrangulado, procura em carreira rápida e escumante fugir ao aperto.

Mas nós temos n'aquella região trans-montana, em Barqueiros, um amigo muito querido, a quem vamos vizitar mais uma vez na sua linda casa serrana, o qual é Monteiro Ramalho, o escritor ilustre que assignou diversas obras literárias sobre a sua região, as quaes lhe grangearam re-putação de fino literato, além de critico de arte, isto pelos tempos do Grupo do Leão e do Grémio Artístico.

Assim, nas alturas de Porto de Rei, onde um vasto solar antigo se ergue defron-te, na margem oposta, ou mais adeante, em Barqueiros (estação), vá de nos apear-mos do comboio, para subir até á alcan-dorada povoação, que bastante extensa se alteia, pelas lombas e vales intermédios, ao respeitavel desnivel de uns quinhentos me-tros, os quaes vagarosa e pacientemente vamos subindo; pois os calhaus do in-greme caminho de encosta, em torcicolos, são de respeito!

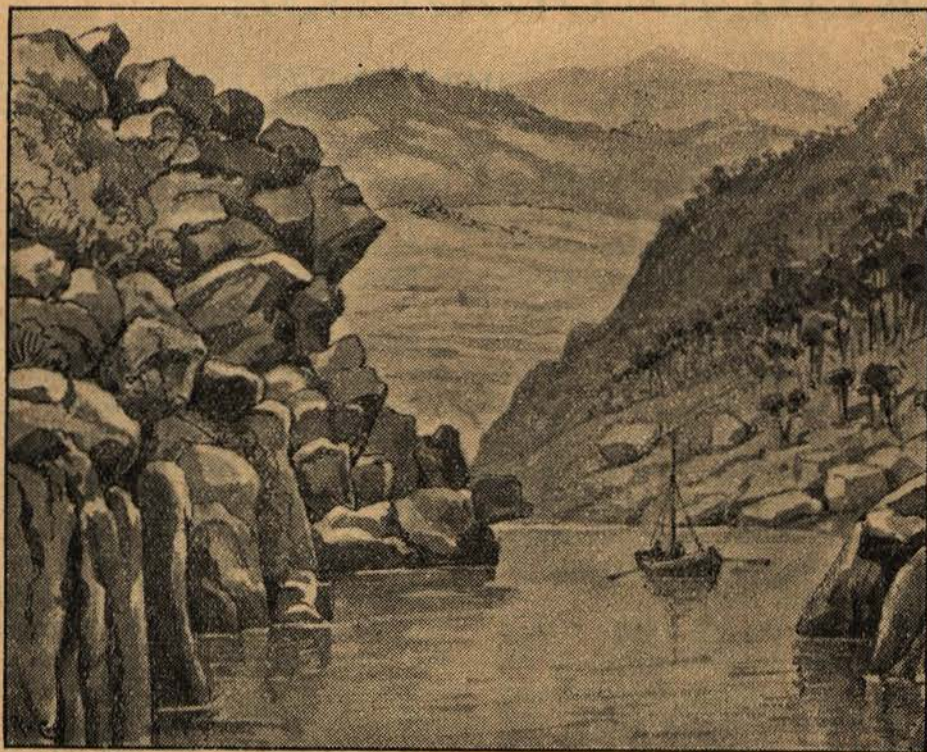
Lá no alto chegamos ao sitio da «me-sura», um bem posto nome, pois ali, ao avistarem a egreja da freguesia próxima e de outras muito distantes, os bons anti-gos serranos faziam a sua religiosa reve-rencia.

Como sucede em todas as grandes e pequenas povoações do norte de Portugal,

o granito é o material indispensável das casarias, quer seja á vista, quer occultado; e ali, em Barqueiros, ele aparece-nos de côr cinzenta, formando paredes, seguindo em degraus de escadas aéreas, ou apurado em esteios para varandas e sacadas de pau.

Boa gente sauda-nos á passagem, como é de uso do aldeão português; e escusado será referir o amabilíssimo acolhimento do nosso antigo e bom amigo e de sua família n'essa bela e alcandorada vivenda.

Barqueiros era a povoação dos «barqueiros»—explicava-me Monteiro Ramalho—os quaes, antes da linha ferrea, eram só quem transportava as pequenas pipas do delicioso vinho, das inumeras quintas do Douro, para as adegas de Vila Nova de Gaia; aonde após longo tratamento, se tornava em o famoso «vinho do Porto», de tão subida reputação mundial; e o nome de Barqueiros lhe ficou para sempre, e ainda um ou outro barco rabêlo carregado de pipas relembra a antiga faina.



O Douro em Barqueiros (quadro a óleo de Ribeiro Chistino)

O aspecto do grandioso vale do Douro visto d'aquelas alturas, é arrebatador — se ainda pode ser mais — pois agora destacam-se as serranias beirôas da Gralheira e de Montemuro, fronteiras á do Marão transmontano; e visto de ali, o rio Douro parece antes uma fita plumbea; e como que de proposito, vem descendo por ele um barco rabêlo, para nos dar com a pequenez da sua perspéctica, a proporção da grandeza do imenso quadro panoramico.

Por caminhos de portelas da serra se pode vizitar a vila de Mezão Frio, de arcaico aspecto; e na Rêde admira-se o antigo solar estilo «D. João V», aonde viveu o ilustre politico José de Alpoim, a quem um dia nós ambos vizitámos em o enorme salão de azulejos recortados á *rocaille*.

Como passeio obrigatorio, tem de se subir á portela da Serra de Barqueiros, d'onde a vista se dilata por aquela alpestre região,

qual é o impressionante vale duriense, onde se distinguem velhas, longinquas egrejas—como a «romanica Barrô—tão pequeninas pela distancia, que parecem antes adornos de presépio de Menino Jesus».

No alto, em que adustos granitos se equilibram isolados, vê-se então, como de um camarote, o enorme Marão elevar o seu gigantesco vulto isolado, escaldado, sem vegetação, como uma balisa portentosa do sitio d'onde para lá, «*governam os que estão*».

Densos pinhaes, matas de velhas arvores, com blocos de negros granitos intervalados, degradingolam por aquelas vertentes abaixo, dando a nota pitoresca ás serranias, a que o vapor d'agua, esparso na atmosfera, vae esfumando n'uma acin-

zentada côr, até se confundir de todo com o Ceu.

Para nós, as provincias com paysagens mais características do paiz são o Alentejo e Traz-os-Montes e a fronteira Beira; a primeira pelas interminas extensões quasi horisontaes das suas planuras; a segunda, pelas elevações obliquas das suas adustas serranias, sendo ambas, portanto, grandiosas, embora com diferente disposição na sua imensidade.

Entre elas ficam as de caracter ameno; a Estremadura, o Minho e o Algarve, o que tudo demonstra quanto variado é o solo do nosso lindo Portugal, e quantos motivos de turismo possui este rincão da Península!...

RIBEIRO CRISTINO

As causas do fortalecimento das raças

A mulher americana no lar e na sociedade

SEJA-NOS permitido agradecer mais uma vez a amabilidade da considerada direcção d'esta Revista, não só pelo lisonjeiro acolhimento da nossa colaboração desinteressada, sob o ponto de vista pecuniario e de quaesquer aspirações pelas quaes nos embevescessemos cegamente mas tambem porque contamos e esperamos a merecida atenção das entidades officiaes norte-americanas para a campanha que vimos ha tempo promovendo, porque são estas, bem como as entidades officiaes portuguezas, que podem tambem dar valimento e tornar de resultados praticos o nosso trabalho.

As imerecidas palavras da illustre direcção da *Revista de Turismo* no seu ultimo numero e que nos foram dirigidas a proposito do êrro tipografico do nosso nome na assinatura dos artigos aqui publicados não serão de nós esquecidas e desde já confessamos iniludivelmente a nossa reconhecida gratidão pelo sentimento que elas encerram.

Posto isto, prosigamos na missão de propaganda, prosigamos na tarefa de re-

lacionarmos, de tornarmos efectivas as relações entre Portugal e os Estados-Unidos da America do Norte, nação que, pelas suas imensas riquezas, não deverá em caso algum ser colocada em logar secundario nas providencias politicas e diplomaticas, baseando-nos no interesse, na dignidade, no brio que assiste a uma nação antiga como Portugal, em se querer utilizar, assimilando todas as ideias uteis, todas as iniciativas, todas as manifestações resultantes da experiencia, no foro, na industria, no commercio, na economia, social e politica, na arte, na vontade de investigar e de conhecer e, acima de tudo, na qualidade unica, especial da nossa nacionalidade, de estabelecer relações commerciaes e intellectuaes entre os outros paizes, iniciativa na qual temos sido apenas imitados, secundados e da qual reclamamos com toda a justiça e com todo o direito a imprescindivel primasia e originalidade.

Pela nossa especial situação geografica estamos destinados ao intercambio commercial e intellectual entre todas as nações civilisadas do globo.

Um dos primeiros factores do fortalecimento das raças, problema que em Portugal tem sido lamentavelmente despresado, é a existencia teimosa das castas nas diferentes classes da sociedade: Um tipografo, um sapateiro, um alfaiate, um operario da cidade ou um operario rural, um fotografo de esquina em qualquer viloria ou aldeia, um pobre empregado de escriptorio, um pintor de portas e janelas, de guarnições e de molduras, um pedreiro, um carpinteiro, um fundidor, caldeireiro, trapista; um tintureiro, uma costureira, uma dactilografa, emfim um d'esses desgraçados e martirisados trabalhadores que dedicam todo o tempo á labuta quotidiana, desde manhã á noite, para mitigarem a sua fome bem como ao marido ou á mulher e aos filhos, quando não vivem sós, esses sacrificados da sorte como nós sômos, a maior parte dos jornalistas, dos homens de letras, dos politicos, dos empresarios, dos comerciantes e dos proprietarios, que formamos afinal a grande massa produtora do paiz, constituimos para nosso favor e para nossa desdita uma grande classe: a classe dos que tem tudo a prestar aos outros, aos favorecidos, aos privilegiados, aos assoprados pela sorte e pela fortuna, aos idolos, aos sultões d'esta infeliz sociedade, minada de preconceitos, de prejuizos, de falta de ordem e de respeito pelo nosso trabalho, pelo nosso dinheiro e pela nossa propriedade.

A mulher em Portugal é, nem mais nem menos, do que uma escrava, um objecto de interesse momentaneo, de prazer e de negocio. Raras vezes constitue um objecto de capricho, por que a nossa ignorancia é enorme, a nossa falta de religião para a unidade e fidelidade no casamento, é uma cousa que se escreve, que se diz e que se não cumpre por se destinar para os *outros* — os papalvos, os parvos, os que são considerados seres inferiores, os que pertencem a castas degradantes e aos quaes devemos a nossa propria existencia dia a dia, hora a hora.

Falamos agora de cima, do alto, como se fossemos privilegiados, mas sentindo a nossa desdita. Uma vez ao menos é per-

mitido um desabafo em forma, ou seja um protesto em forma de revolta.

A funestissima propaganda do requinte da moda, dos envenenamentos, dos crimes passionaes, do adulterio, dos vicios do opio e da morfina, dos roubos á mão armada e á mão desarmada, das extorções e fraudes por meio do sentimentalismo, da comiserção fingida, hypocrita, estão patentes aos olhos de todos de momento a momento, nos teatros, nos cinematografos, nos folhetins dos jornaes, nas cronicas jornalisticas, nos livros dos mais apreciados autores nacionaes e estrangeiros ou importados em Portugal.

Vós que sois paes de familia, que sois estremecidos no lar conjugal, que tendes encargos na educação de vossos filhos e na conduta dos que estremeceis, lembrae-vos de que as vossas filhas, as vossas irmãs, as vossas mulheres, as vossas futuras esposas, apenas conhecem ao transpor o limiar da vossa felicidade uns preconceitos ridiculos e mesquinhos, que, afastando-se da realldade, vos encaminham, a passos agigantados, para a vossa desgraça.

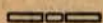
Já temos lido alguns livros, mas muito poucos, muitissimo poucos, em que se ensina a nada se ocultar á mulher, da realidade da vida, antes e depois da puberdade.

Esses livros são elementos de propaganda e vulgarisação do que se passa na America do Norte.

Aparentemente prejudicial, a simultaneidade dos sexos nas escolas, nos institutos, nas universidades, faz com que, a mulher saiba, sem deixar-se iludir, absolutamente senhora de si, escolher o homem que precisa para seu companheiro para o resto da sua existencia. Eis a razão porque o povo americano do norte é feliz.

Nas regiões latinas e em geral nas do sul da Europa, a mulher, a rapariga, a donzela, a menina, destina-se a princeza. Nada lhe falta, nem as joias, nem as frivolidades e os caprichos. E nada mais é preciso para se tornar em uma princeza, em uma fada encantada. Ensinam-lhe a imitar os cumprimentos, instigam-n'a a disfarçar a sua infelicidade em ditos de espirito, em graças; a admirar as actrizes

de estampa, de baixa condição; a balbuciar algumas frases que os estrangeiros nossos vizinhos empregam como triviaes. Nos estrangeiros não devemos incluir os hespanhoes. Estes tem-se lançado á margem como seres desprezíveis, o que dá em resultado desconhecermos uma lingua irmã, uma nação florescentissima e deitarmos o nosso olhar, concentrarmos a nossa atenção no mal de uma millesima parte da capital franceza, que nos vae destruindo, seguramente, as primazias da nossa raça, da nossa intelligencia e dos essenciaes factores do progresso nacional.



Ha tempo deu-se a circumstancia de ser nosso companheiro de viagem em Portugal, durante algumas horas, um antigo e acreditado negociante portuguez no Brazil. Pessoa de fortuna, tinha então um filho empregado em Londres, outro a estudar agricultura na Georgia, America do Norte, e uma filha a educar na Belgica.

Possuindo bastante experiencia da vida, atendendo ás nossas observações sobre a educação da mulher em Portugal, disse-nos que a melhor herança que a sua filha poderia deixar, eram não os seus bens de fortuna, mas uma educação pela qual ela não só pudesse viver independente e nobremente no caso de qualquer emergencia e ainda de poder constituir familia livremente, sem receio de comprometer-se e ficar desamparada e viuva.

A mulher americana sabe viver independente da familia por uma forma honrada, possuindo o capital inextimavel das suas habilitações. Acrescentemos a isto as garantias especiaes de defeza concedidas pelas leis americanas á mulher. E d'este modo ela impõe-se ao marido, não se deixando rebaixar ou humilhar, ou ficar á mercê dos seus caprichos, dos seus desvarios, das suas prepotencias. E assim, a mulher regularmente educada, longe das ambições dissolventes da Europa latina, vivendo comtudo no meio d'esta, dispõe de elementos para sustentar-se, evitando os males, comprehendendo-os, organizando sabiamente a sua casa.

Emquanto a mulher americana perma-

nece no trabalho quotidiano, ou seja nas fabricas e nos escriptorios, a creança de leite é entregue aos lactarios; a de idade inferior aos sete anos mas amamentada, é entregue ás cantinas ou jardins de infancia; a de mais de sete anos e com menos de quatorze, á escola; e a de mais de quatorze anos—ou toma a sua posição definitiva no trabalho ou prepara-se para tomar este após o conveniente tirocinio, aperfeiçoando-se, estudando, fazendo os exames, frequentando as escolas secundarias e as universidades, praticando em escolas especiaes como as de agricultura, de trabalhos domestidos e de enfermaria.

Ela conhece minuciosamente os elementos do bem estar do lar, dispensa as criadas, fica com o encargo de quasi todo o serviço domestico, envergá um avental impermeavel e a caracteristica touca, apparecendo com este traje mesmo ás visitas de cerimonia, porque a mulher americana não se rebaixa trabalhando, lida continuamente, em epoca normal, desde as seis horas da manhã ás onze da noite, almoçando das sete para as nove, jantando ao meio dia e ceitando ás seis da tarde. As refeições são rapidas, a comida é simples e saudavel. E por isso a mulher americana é robusta, admiravel na sua vitalidade e na sua beleza.

Desconhece o «frisson» francez e o «salero» da hespanhola; mas adapta-se a qualquer meio soberanamente encantadora na sua natureza cosmopolita.

E quem vê esse bando de raparigas alegres, ás gargalhadas, nos passeios das ruas, correndo nos parques, praticando o «sport», guiando automoveis, dirigindo empresas, desenvolvendo emfim uma actividade incançavel, avaliará se nós podemos ou não conseguir o mesmo em Portugal.

A americana não tem ao seu alcance tantas flôres, paisagens tão lindas, um clima tão favoravel a devaneios como a portugueza.

A civilização supriu, porém, as faltas da Natureza.

No seguinte artigo trataremos da instrucção na America do Norte.

BRANDÃO PEREIRA

RELAÇÕES INTERNACIONAES

A CONFERENCIA DE VALENCIA DEL CID

REALISOU-SE em 28 e 29 de Novembro findo, em Valencia del Cid, a reunião da conferencia perpetua sobre o tráfego franco-hispano-portuguez, a fim de tomar as resoluções consentaneas com as exigencias do tráfego internacional, cujo desenvolvimento interessa ás trez nações.

Para a França e para Portugal esta reunião não podia deixar de merecer o maior interesse n'esta ocasião, visto que os dois paizes estão empenhados em procurar as maiores facilidades e vantagens para o bom exito da nova linha Paris-Lisboa-Casa Blanca.

Pelo que principalmente nos tóca, esta conferencia tinha um particular interesse, pois não só n'ela se havia de assentar nas facilidades a conceder a esse novo tráfego, no sentido de confirmar, como trajecto natural da Europa para o norte da Africa occidental, a linha que acaba de ser estabelecida, mas, tambem, a de obter para o percurso da America do Sul, a travessia obrigatoria do nosso paiz, como o mais curto e comodo caminho.

Sobre o que se passou n'essa conferencia, di-lo—na sucinta noticia que d'ali nos enviou—o nosso querido amigo e illustre redactor principal sr. Guerra Maio, que, como delegado da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, teve n'ela um lugar de distinção :

«**VALENCIA DEL CID, 30 de Novembro.**—Acaba de terminar a conferencia internacional do tráfego França-Hespanha-Portugal. Entre outras resoluções, ficou assente fazer-se a mudança do horario do «sud-express», de forma a que a partida de Lisboa seja mais tarde e a chegada ahi mais cedo, para que tenha correspondencia immediata com os vapores transatlanticos. Esta alteração far-se-ha em trez «étapes», sendo a primeira na proxima primavera, a segunda em 1924, quando

os grandes trabalhos da via, que se estão fazendo no norte de Hespanha e em França, estejam concluidos; e a terceira quando as circunstancias permitam que o «sud» seja desligado do serviço de Madrid, o que trará grandes vantagens para Portugal.

Ficou tambem resolvida a circulação de carruagens directas de 1.^a e 2.^a classe, entre Lisboa e Medina, nos comboios expressos, a começar na proxima primavera, serviço que será prolongado até Hendaya, quando as condições favoreçam essa oportunidade.

A esta conferencia assistiram delegados das Companhias de Orleans, Midi, Vagões Leitos, Norte de Hespanha e de Medina e Salamanca. As companhias portuguezas estavam representadas : a C. P. pelo director geral, sr. Ferreira de Mesquita e inspector Fabri; a Beira Alta pelo engenheiro chefe do movimento e tráfego, sr. Flavio Paes, e agente comercial Guerra Maio, e a dos Peninsulares pelos engenheiros srs. Fernando de Sousa e Luiz Novaes.

A' conferencia presidiu, por especial deferencia das Companhias hespanholas, o sr. engenheiro Ferreira de Mesquita.

Realizou-se tambem um almoço de honra, presidido pelo sr. Gerard, chefe da Exploração do Norte de Hespanha, que, n'um brilhante discurso, traçou o papel das linhas franco-hispano-portuguezas no progresso dos trez paizes.

A proxima conferencia efectuar-se-ha em Paris, em Outubro do proximo ano».

Por este breve relato do nosso redactor principal, depreheende-se que o assunto que mais prendeu a atenção da conferencia foi o da circulação do «Sud-Express», que—em boa verdade—tem actualmente um horario incomodo para os passageiros em transito para a Europa; pois que, embora—em geral—os paquetes da America do Sul entrem no Tejo pela manhã, o tempo

entre essa chegada e a partida do «Sud-Express», que é ás 11,35 da manhã, é insuficiente para um comodo e pratico trasbordo dos passageiros chegados do sul, por mar.

No sentido inverso, a hora de chegada a Lisboa do mesmo comboio tambem é incomoda. Segundo o horario, essa chegada faz-se ás 21, isto é, quando não ha possibilidade de ligação com os transatlanticos em viagem para o sul da America, que, quasi sempre, saem do Tejo pelo pôr do sol, recebendo muito antes os seus passageiros.

Ora, desde que se tornou o «Sud-Express» diario, as 7 companhias de caminho de ferro por cujas linhas se faz a viagem directa Lisboa-Paris e tambem a dos «Wagons-lits» que é a proprietaria d'esse comboio, empenharam porfiados esforços para chamar a esse itinerario os

passageiros sul-americanos; tendo creado, a expensas de todas, um agencia em Buenos-Ayres para a venda de bilhetes directos de ou para Paris, pela via Lisboa.

Vê-se, pois, que as empresas ferroviarias interessadas continuam na disposição de manter os seus sacrificios para estabelecerem definitivamente o porto de Lisboa como natural escala para os passageiros d'além-mar.

Isso prova-o a mudança do horario do «Sud», que não pode, pois, deixar de merecer o nosso maior aplauso; sendo, apenas, para lamentar, que ela não se faça tão rapidamente quanto o exigem as necessidades do trafego de passageiros internacionais.

Sobre as outras providencias adoptadas na mesma conferencia, aprecia-las hemon'um proximo numero.

A magna questão dos passaportes

A EXIGENCIA DO «VISTO»

POR ser sobremaneira interessante e oportunissima a entrevista concedida pelo illustre engenheiro sr. Manuel Roldan y Pego, Director da Sociedade de Propaganda de Portugal, ao nosso presado colega «A Epoca», sobre a momentosa questão dos passaportes, para aqui a transcrevemos, com a devida vénia, pois é precioso o archivo d'essa documentação nas columnas d'esta Revista.

«—Uma entrevista para *A Epoca*, sr. engenheiro...

—Sobre?

—Sobre a questão do *visto* nos passaportes...

—Sim, senhor, com todo o gosto. Dir-lhe-hei que se torna urgente e indispensavel a supressão do *visto*.

—Uma questão de interesse nacional?

—Sem duvida. E' preciso atrahir os turistas estrangeiros ao nosso paiz. Para isso é indispensavel conceder-se-lhes todas as facilidades.

—A Propaganda de Portugal tem feito alguma coisa n'esse sentido?

—Tem, sim, senhor. E não faz mais que o seu dever. A promoção de facilidades na entrada dos estrangeiros em o nosso paiz é um dos problemas que mais tem preocupado a direcção da Sociedade, por ser uma questão de capital importancia para o desenvolvimento do turismo em Portugal.

—Tem V. Ex.^a influenciado junto dos governos para a concessão de facilidades na entrada dos estrangeiros?

—Temos dirigido varias representações ao sr. ministro do Interior.

—Inutilmente, pelo que se vê — dissémos.

O nosso entrevistado prosegue:

— Alguns paizes, como a França, a Belgica, a Suissa, a Italia, a Inglaterra e o Brazil, comprehendendo o alto alcance de taes facilidades, suprimiram o *visto* dos passaportes e assim podem os cidadãos circular livremente, sem se preocuparem com o preenchimento d'essa formalidade.

— Que, em geral, tantos embaraços e perdas de tempo produz...

— De facto assim é. Entre a Belgica e a Inglaterra chega-se mesmo a dispensar, por completo, o passaporte, bastando qualquer documento que prove a identidade do viajante.

— Não se celebrou, ha tempos, entre os aliados, um acordo para a supressão do *visto*?

— Celebrou, sim senhor. E foi em virtude d'esse acordo que os paizes, que acabo de lhe enumerar, suprimiram o *visto* nos passaportes.

— E Portugal?

— Portugal não se incomodou com coisa alguma. Não foi á reunião dos paizes aliados, nem pediu para ser admitido ao acordo. Portugal não quer ser aliado...

— Mas a Hespanha...

— A Hespanha solicitou a sua admissão ao acordo e foi atendida. Hoje, já não exige o *visto* nos passaportes.

— E Portugal continua a exigí-lo...

— ...o que estabelece um confronto desagradavel para todos os viajantes que desejem visitar-nos, chegando mesmo á desistencia de nos procurar para se subtra-

hirem aos incomodos, demoras e despesas produzidas por essa formalidade.

— E quando os viajantes ignoram essa exigencia da nossa parte?

— Como se dirigem para Portugal sem o *visto* do consulado, chegam ás estações fronteiriças do nosso paiz e vêem-se rodeados de grandes dificuldades, o que os dispõe mal a nosso respeito.

«Ao commissario geral dos serviços de emigração a Sociedade de Propaganda se tem dirigido por mais d'uma vez, pedindo a sua interferencia e influencia, já no sentido de se acabar com a formalidade do *visto* como se está generalizando em todos os paizes, já, enquanto tal *desideratum* se não consegue, de providenciar no sentido de se facilitar o seguimento da viagem aos estrangeiros.

— E que respondeu o commissario?

— Que o regimen de passaportes era já de facilidades, por acordo e reciprocidade com grande numero de paizes, valendo durante um ano para os seus portadores, desde que tenham um *visto* de auctoridade portugueza, a contar da sua respectiva data.

Uma pausa.

— Nada mais disse o commissario?

— Respondeu-nos mais que não podia sofrer, agora, alteração o que assim se encontra estatuido; mas que n'uma proxima reforma de serviços de emigração, pendente no Congresso da Republica em projecto de lei, seriam satisfeitas as aspirações da Propaganda de Portugal, ainda com maior copia de facilidades».

ESTRANGEIRO

FRANÇA

Na França, a vida, o desenvolvimento da sua população, as condições para que ele progrida de maneira a favorecer as gerações presentes e futuras, teem constituido, sobretudo depois da guerra, as maiores preocupações dos homens e enti-

dades que, sob o mais intenso pensamento patriótico, querem tornar cada vez maior, cada vez mais sádia — moral e fisicamente, a semente fructificante dos seus irmãos patricios, para que a sua patria seja amanhã mais forte e essa robustez se acentue e desenvolva atravez os séculos.

E' interessante citar que uma das enti-

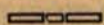
dades que mais tem desenvolvido a sua acção n'esse sentido, tem sido o Touring Club, cuja maravilhosa organização e patriótico entusiasmo dos homens que o compõem permitem ir mais além do que seria d'esperar d'uma instituição especialmente dedicada ao desenvolvimento do desporto e do Turismo.

Assim, entre outras idéas já postas em pratica, para o robustecimento da raça, quer sob o ponto de vista de recreio espiritual, quer como desenvolvimento fisico, o mesmo Club propoz-se dar execução ao projecto do Com. Fabre para a instituição dos «*Campos de ferias*», como indispensaveis ao salutar e hygienico descanso da infancia das escolas.

Segundo a definição d'um escriptor parisiense, os «*Campos de ferias*» «são os «sonhos dourados dos paes que desejam «ver os seus filhos recrearem-se e desenvolverem-se fisica e moralmente, com «toda a segurança e sem excessos e n'elles aprenderem a natural disciplina, a «obediencia sem pressão, a sociabilidade «voluntaria e comodida; recebendo ao «mesmo tempo os exemplos da energia «para vencerem os esforços e a inspiração do amor pela ordem e pela conservação».

Esta idéa lançada em 1921, foi acolhida com tal entusiasmo que se fundou logo a «*Associação dos Campos de Férias*», para promover a pratica do programa já esboçado e que, a seguir, se elaborou definitivamente.

O distinctivo d'esta associação acha-se consignado na simples e unica palavra **Alegria**. Esta divisa é explicada da seguinte forma: «Rir, é proprio do homem. Fazer o bem, é um bem; mas fazel-o com um sorriso, é melhor».



Em verdadeira tradução, os *Campos de Férias* são internatos especiaes em sitios naturalmente recomendados para esse fim, onde as creanças vivem ao ar livre, sem cuidados alguns que lhes possam oprimir o desenvolvimento das suas faculdades fisicas e moraes.

Sujeitas, apenas, a um regimen espe-

cialmente estudado para o efeito, aglomeram-se n'esses campos creanças de todas as castas sociaes e desde os 7 aos 17 anos; exercendo os mais velhos diversas funções de vigilancia e de direcção, para assim se lhes crear, lenta e gradualmente o habito das responsabilidades e o espirito de direcção.

D'este salutar convívio—criteriosamente conduzido, nasce uma tão intensa união, um tão sugestivo respeito, um tão especial sentimento de amizade como os que se adquirem nos outros internatos onde, na quadra infantil em que se radicam os sentimentos, a convivencia sob o mesmo tecto, sofrendo-se das mesmas agruras e gozando-se os mesmos prazeres, tornam os internados como indissolúvelmente irmanados.

Não se julgue, porém, que os *Campos de Férias* são para simples recreios fisicos. N'elles tem de se obedecer ao programa que faz distribuir as horas diarias pelas mais interessantes e uteis distrações; pois as creanças, segundo as suas aptidões e intuições, aplicam-se a diversos trabalhos, taes como: em madeira, em ferro, modelando a terra ou o gesso, ou pintando, desenhando ou ainda fazendo musica.

Todos os trabalhos manuaes e intellectuaes, assim como os exercicios fisicos, são sabiamente e escriptulosamente ministrados para que, em lugar de produzirem aborrecimento ou fadiga, sejam apetezados com entusiasmo e saboreados com prazer.

Além d'isso, os diferentes grupos que compõem a colonia campestre tem alternadamente excursões onde se exerce o **camping**, e se aprendem as noções preliminares da vilegiatura, incutindo-se assim n'esses espiritos em formação o gosto pelo Turismo, de que mais tarde hão de ser os campeões na pratica e defeza d'essa industria.

No fim da epoca das ferias, cada uma das creanças que a passou n'esses Campos, entra em sua casa com um atestado demonstrativo dos beneficios fisicos e moraes que obteve durante a sua estada ali.

Eis em breves palavras o que é um dos recursos que a França está pondo em pratica para o rejuvenescimento da sua raça.

THEATROS



E CIRCOS

COMO já temos dito, esta secção é destinada apenas, no intuito de completar o prestígio desta Revista, a fornecer indicações sobre os espectáculos que se realisam nos theatros, circos e animatografos de Lisboa e Porto, sem qualquer referencia ou apreciação que possa ser interpretada como critica; o que estava fóra da indole d'esta Revista.

EM LISBOANACIONAL

Continua num successo verdadeiramente sensacional, a encantadora e brilhante peça de Oscar Wilde, *O Leque de Lady Margarida*, versão livre de Julio Dantas.

AVENIDA

Póde-se considerar um acontecimento unico em theatro o que se está passando com a espirituosa farça *Cama, Mesa e Roupa Lavada*, Chaby e Cremilda, os principaes interpretes são constantemente alvos de ruidosos aplausos.

POLYTHEAMA

O belo desempenho que á peça *A Emboscada* dão todos os artistas da companhia Rey Colaço — Robles Monteiro, tem levado todas as noites ao Polytheama uma grande concorrência.

APOLLO

O *Cigarro Brejeiro* continua a ter um exito verdadeiramente grandioso.

COLYSEU DOS RECREIOS

Agora mais do que nunca são soberbos os espectáculos no Colyseu dos Recreios onde a grande companhia de circo está exhibindo um formidável programa, desempenhado pelas maiores celebridades e atrações mundiaes que todas as noites são aplaudidissimas.

NO PORTOTHEATROS

Sà da Bandeira — Continua a representação da peça *Gente Chlc.*

Águia d'Ouro — Em sena a revista *Tiro ao Alvo.*

Nacional — Representa-se a revista *Pipa-rote*. Em breve subirá á scena outra revista intitulada *Giga-joga*

ANIMATOGRAPHOS

Jardim Passos Manuel

Salão-Jardim da Trindade
High-Life

ESPECTACULOS

S. Carlos — Não ha espectáculo.

Nacional — «O leque de Lady Margarida».

S. Luiz — Companhia Italiana.

Avenida — «Cama meza e roupa lavada».

Polytheama — «A Emboscada».

Apolo — «Cigarro Brejeiro».

Eden Theatro — «As duas Garotas de Paris».

Theatro Salão Foz — «Arroz doce».

Colyseu dos Recreios — Grande Companhia de Circo.

ANIMATOGRAPHOS

Olimpia — Rua dos Condes

Cinema Condes — Avenida da Liberdade.

Salão Central — Praça dos Restauradores.

Chiado Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.